

A DITADURA E O FUTEBOL NA AMÉRICA DO SUL: A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO COLETIVO ATRAVÉS DAS COPAS DO MUNDO DE 1970 E 1978

Luciano Anderson Breitzkreitz*

RESUMO: O objetivo central deste artigo é fazer uma análise do uso das Copas do Mundo no campo político. O foco é a análise de duas seleções sul-americanas campeãs do torneio, bem como o benefício que elas agregaram para os governos do período analisado. O artigo traz um panorama geral da relação entre o esporte e a política para posteriormente aprofundar a análise em dois casos específicos: o Brasil em 1970 e da Argentina em 1978. Os governos antidemocráticos não mediram esforços para a criação de um imaginário coletivo, relacionando a imagem de uma equipe vencedora a toda nação e, por consequência, ao próprio governo.

Palavras-chave: Futebol. Política. Ditadura

ABSTRACT: The main goal of this article is to analyze the use of World Cups in the political field. The focus is the analysis of two south-American soccer teams, winners of the tournament, as well as the benefits that they aggregate to the governments of the analyzed period. The article brings a general panorama of the relation between the sport and the politics to afterwards deepen the analyzes in two specific cases: Brazil in 1970 and Argentina in 1978, that had military dictatorship as form of government. The State didn't measure efforts for the creation of collective imaginary, associating the image of a winner team to the whole nation, and in consequence, the government itself.

Key Words: Soccer. Politics. Dictature.

I - Considerações Iniciais

O pilar central do artigo é analisar o uso político do futebol durante a realização das Copas do Mundo. Ao estabelecer uma relação entre o esporte e a política, buscam-se identificar pontos de convergência que estabelecem uma relação entre as duas áreas. Tendo a consciência de que não há fórmulas prontas para a aplicação da política no campo do futebol, é feita uma análise de duas situações diferentes, onde em cada uma delas a relação se estabelece de uma maneira particular.

A Argentina, país sede e campeã mundial de 1978, procurou criar uma imagem de unidade nacional e nação desenvolvida, que seriam amplamente divulgadas fora de suas fronteiras. Por outro lado, o Brasil buscou expressar uma unidade nacional em 1970, ao estabelecer uma relação próxima entre o Estado e os campeões mundiais no México.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, mobiliza diariamente um universo gigantesco de pessoas e movimenta quantidades astronômicas de dinheiro. Tendo consciência desta realidade, orbitam este esporte diversos interesses que ultrapassam os resultados dos

* Cronista Esportivo do Grupo de Rádios e Jornais Diário da Manhã e mestrando do Curso de História Regional da Universidade de Passo Fundo. E-mail: lucianodiario@msn.com. Recebido em: 10/11/2011. Aceito em: 22/05/2012

jogos. O interesse observado neste trabalho é o poder simbólico que serve de alvo aos políticos que buscam uma projeção ou a criação de um imaginário coletivo, associando a sua imagem à de uma equipe vencedora.

Para o desenvolvimento do trabalho foi necessária uma extensa revisão bibliográfica, principalmente fontes de informação que buscam expor casos em que efetivamente a política se beneficiou do futebol. Portanto foram analisados casos que se tornaram referência devido à grande exposição que tiveram, seja em veículos de comunicação ou sendo objeto de estudos acadêmicos. Além das informações de caso, foi necessário pontuar, em locais específicos, autores que se dedicam principalmente ao estudo da relação dos veículos de comunicação com a sociedade.

O trabalho parte do caso da Copa do Mundo de 1978. Jogada na Argentina e vencida pela seleção da casa, foi visada a construção de um imaginário coletivo, principalmente para os turistas que chegaram no país para trabalhar no evento. O governo militar da época não poupou esforços e dinheiro para que as instalações onde circularam os profissionais da imprensa internacional fossem as mais modernas da época. Houve um esforço para que os aeroportos, hotéis, estádios e o centro de imprensa impressionassem positivamente os responsáveis por enviar informações para outros países. Também houve a preocupação para que os resultados dentro de campo fossem positivos para a equipe da casa, e que foi acusada da compra de resultados durante o torneio.

Outro caso relatado é da Copa do Mundo de 1970, que foi disputada no México e teve a seleção brasileira como campeã. Neste caso, teóricos analisam a relação entre a imagem vencedora da equipe campeã e o governo militar, que estava no poder naquele período. Na oportunidade houve uma tentativa de criar uma imagem nacionalista em todo o Brasil. Uma imagem de nação com a qual todos os brasileiros se identificassem.

O trabalho menciona ainda outros casos, porém, de maneira superficial e apenas para contextualização do assunto e para esclarecimento de idéias. A opção por esses objetos de análise se deve ao fato de serem países localizados geograficamente próximos, viverem no período analisado sob um regime militar e terem vencido a mais importante competição do futebol mundial. Essas semelhanças tornam o confronto dos exemplos mais claramente visível.

Como o trabalho trata na sua essência sobre futebol, em algumas situações a linguagem utilizada busca fazer uma aproximação do universo futebolístico.

II – A relação entre a política e o esporte

O esporte tem se mostrado no decorrer dos séculos, um excelente meio de mobilização de pessoas. Desta maneira, gravitam em torno de diversas modalidades esportivas interesses dos mais variados, com destaque ao político. Para Pereira (1980, p.38) países como a antiga Alemanha Oriental e Cuba, souberam utilizar muito bem os feitos atléticos para projetar suas imagens no cenário internacional. O objetivo era apresentar os competidores como resultado do regime político vigente. Porém, essa atitude não é privilégio de países onde o regime político é antidemocrático. Giulianotti (2002, p.32) complementa a idéia dizendo que o autor romano de sátiras, Juvenal, foi quem primeiro desenvolveu a tese de que oligarquias políticas podiam ser sustentadas fornecendo pão e circo para as massas. Desde então, frequentemente é sugerido que uma influência negativa está por trás da popularização dos esportes. Giulianotti enfatiza que:

Nos antigos sistemas socialistas estatais do Leste europeu, anteriores à revolução de 1989, os clubes eram habitualmente controlados pelas principais instituições estatais, como Exército, as forças de segurança ou as ferrovias. O sucesso do futebol foi frequentemente auxiliado pelos patrões dos clubes, que ocupavam altos cargos na máquina do partido. Na União Soviética, os companheiros mais próximos a Stalin (principalmente seu filho, Vasilii, e o chefe da segurança, Beria) costumavam influenciar os resultados: as partidas eram forçosamente jogadas outra vez (...). Na Romênia, o filho do despótico presidente Nicolae Ceausescu interveio na final da Copa dos Campeões de 1986 em uma tentativa de evitar que seu time, a Steaua Bucureste, perdesse para o Dínamo Kiev (Giulianotti, 2002, p. 118).

É comum observar políticos que ganharam notoriedade utilizando-se do futebol. Galeano (2004, p. 42) lembra que no final do século XX o dono do Milan ganhou as eleições italianas com o lema “*Forza Itália!*”, que vinha das arquibancadas dos estádios. Silvio Berlusconi, a seu tempo, prometeu que salvaria a Itália como havia salvo o Milan.

Mesmo assim, é necessário enfatizar que poucos regimes políticos souberam utilizar o futebol como o fez as ditaduras. Galeano (2004, p. 183) traz as reações dos presidentes de grandes clubes espanhóis durante a ditadura de Franco. Santiago Bernabéu do Real Madri dizia: “Estamos prestando um serviço à nação. O que queremos é manter as pessoas contentes”. Vicente Calderón, do Atlético de Madri não deixava por menos: “O futebol é bom para que as pessoas não pensem em outras coisas mais perigosas”.

Na América do Sul os regimes militares encontraram um campo de atuação bastante fértil. Giulianotti (2002, p. 53) analisa que Peron pavimentou o caminho para os generais em todo o Cone Sul, procurando explorar o potencial nacionalista do futebol. Analisando individualmente cada país, pode-se entender melhor:

Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma boa na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, Pra frente Brasil, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. Quando a Argentina ganhou o Mundial de 78, o general Videla utilizou, com idênticos propósitos, a imagem de Kempes irresistível como um furacão. O futebol é a pátria, o poder é o futebol: Eu sou a pátria, diziam essas ditaduras militares. Enquanto isso, o general Pinochet, manda-chuva do Chile, fez-se presidente do Colo-Colo, time mais popular do país, e o general García Mesa, que havia se apoderado da Bolívia, fez-se presidente do Wilstermann, um time com torcida numerosa e fervorosa. O futebol é o povo, o poder é o futebol: Eu sou o povo, diziam essas ditaduras militares (Galeano, 2004, p. 136, 137).

Os dois maiores países da América do Sul podem ser considerados referência da utilização do futebol como trampolim político. O fato de terem conquistado títulos na Copa do Mundo da mesma década (1970 e 1978), justamente quando Brasil e Argentina estavam sob a batuta de governos militares, enceta motivos para observar os dois casos mais profundamente.

Costumeiramente regimes totalitários optam por estreitar suas relações com órgãos de imprensa, que passam a exaltar os feitos de atletas carregando uma bagagem ideológica. Galeano (2004, p.76) traz um exemplo da relação entre o estreitamento do esporte com o regime político, refletido em veículos de comunicação. Durante a Copa do Mundo de 1938, o jornal *La Gazzeta dello Sport* exaltou o grande feito fascista após a vitória na semifinal diante do Brasil: “Saudamos o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros”.

Jeanneney (1996) enfatiza que em determinadas circunstâncias pode-se utilizar da comunicação mediada para defender interesses de regimes políticos. Para o autor é certo que a imprensa desempenha um papel na evolução do comportamento dos políticos. Tendo o futebol a capacidade de atrair a atenção e ganhar grandes espaços midiáticos ele consegue atingir um grande número de pessoas, em diferentes classes sociais e regiões geográficas. Muitos governos fazem uso do futebol como meio de mensagem que auxilia na formação de um imaginário coletivo.

Há uma busca pela associação de imagem, sempre com a idéia de que o futebol pertence a todos, e todos se sentem parte dele. Assim, nos casos que são relatados a seguir, deve ser considerada a hipótese de que os governos militares do Brasil e da Argentina não necessariamente “se apropriaram” do futebol para criar uma imagem nacionalista. Eles buscam uma aproximação justamente em um ponto de convergência entre o Estado e a população. Especialmente ao que se refere ao Brasil, pois deve-se lembrar, que o General

Médici era grande admirador do futebol, tendo praticado o esporte em sua cidade natal, Bagé - RS, sendo declaradamente torcedor do Grêmio de Porto Alegre (Guterman 2006).

III – A instabilidade da relação entre futebol e política

A utilização do futebol por governos e políticos na busca pela associação de imagem ou projeção política é algo comum. Porém, no futebol, assim como na política, sempre é preciso estar atento às armas do adversário, que pode surpreender a qualquer momento. Mesmo com todo o esforço dos governos na busca por popularidade, eles estavam longe de ser unanimidade. Galeano (2004, p. 204) comenta que por mais que os tecnocratas programem o futebol até o mínimo detalhe, por muito que os poderosos o manipulem, o futebol continua querendo ser a arte do imprevisto. Onde menos se espera salta o impossível, o anão dá uma lição ao gigante, e o negro mirrado e cambaio faz de bobo o atleta esculpido na Grécia. É uma realidade que não é aplicada somente dentro das quatro linhas. Por mais que os governos e os políticos tentem obter vantagens com o futebol, muitas vezes são surpreendidos com reações contrárias.

Giulianotti (2002, p. 33), lembra que na América do Sul, o futebol foi um dos primeiros fóruns de protesto para os paraguaios durante o reinado de Stroessner, assim como no norte da África, o estádio de futebol é uma “arena privilegiada” para a disseminação e expressão do protesto político ou da revolta, particularmente entre os jovens. Na Europa as arquibancadas também são utilizadas para propagação de idéias e tendências políticas.

A extrema direita é considerada particularmente forte entre os torcedores do Verona e da Lazio. Inversamente, a tradição comunista do Bologna costumava temperar o simbolismo e as animosidades dos ultrás do clube; os ultrás da Atalanta inicialmente tendiam à esquerda, mas depois de um tempo inclinaram-se para a separatista Lega Nord. Os pesquisadores italianos produziram interpretações opostas sobre quando os ultrás foram influenciados pelo extremismo político da ala direita. Alguns argumentam que as organizações dos ultrás resistem a qualquer tendência política prescritiva e forma amplamente ignorada pelos grupos de jovens da esquerda ou direita radical (D Biasi, 1996, p.123). Outros apontam para o crescimento generalizado do racismo entre os torcedores italianos como conjuntural em relação aos novos e diretos vínculos estabelecidos entre os movimentos neofascistas e os grupos ultrás da ala direita em Verona, Roma e até mesmo Bologna (Podaliri e Balestri, 1998, p.97-99). (Giulianotti, 2002, p. 81 e 82).

Galeano (2004, p. 113) lembra um fato de contestação política que aconteceu na Espanha. Nos anos de ditadura de Franco, os dois estádios, o Camp Nou de Barcelona e o San Mamés de Bilbao, serviram de refúgio aos sentimentos nacionais proibidos. Ali, catalães e bascos gritavam e cantavam em línguas e agitavam suas bandeiras clandestinas. E foi num

estádio de futebol que pela primeira vez apareceu uma bandeira basca sem que a polícia espancasse os que a carregavam. Um ano depois da morte de Franco os jogadores do Athletic e os do Real Sociedad entraram em campo empunhando a bandeira.

No Brasil, durante a Copa do Mundo de 1970, quando o regime político da época buscou uma aproximação de sua imagem com o selecionado Canarinho, militantes de esquerda optaram por adotar um discurso anti-futebol. O esporte não foi utilizado para contestar o regime, mas houve a opção por “torcer” contra a equipe (Guterman 2006). Porém, o governo militar brasileiro não ficou imune às situações constrangedoras vindos das arquibancadas. Guazzelli (2000) relata um episódio de hostilidade de torcedores do Rio Grande do Sul com símbolos nacionais. Sem adotar um discurso anti-futebol, como os militantes de esquerda durante 1970, eles buscaram hostilizar o selecionado brasileiro com vaias, queima de bandeiras brasileiras e agressão à catarinenses que viajaram até Porto Alegre para acompanhar um amistoso entre a seleção tricampeã mundial e uma equipe formada por atletas de Internacional de Grêmio em 1972.

Jean-Jacques Becker (1996) trata de questões semelhantes ao fazer sua análise sobre a opinião pública. Para o autor trata-se de condicionamento de opinião pública, no caso, resultado de propaganda. Becker diz que regimes totalitários costumam fazer do condicionamento da opinião pública uma especialidade, porém enfatiza que a propaganda, conscientemente organizada de maneira obsessiva não é garantia de que ela atinja os fins desejados.

IV - Argentina: A construção de um imaginário coletivo em 1978

Corria o ano de 1978, e a Argentina promove e conquista sua primeira taça no mais importante torneio do futebol mundial. Jogando em casa, o governo militar argentino, comandado pelo presidente Videla teve a oportunidade de utilizar-se do futebol para criar uma aura positiva ao regime.

A associação entre política e futebol no país vizinho não era novidade. Giulianotti (2002, p. 50) comenta que o jogo argentino havia se tornado um importante instrumento populista no primeiro governo peronista, durante os anos de 1946 e 1955. Porém na década seguinte o selecionado argentino colecionou sucessivos fracassos, que o separaram da linha econômica e política do país. Porém durante a década de 1970, a junta militar realizou um grande esforço para reunificar futebol e política, e assim optou-se por abrigar uma Copa do Mundo.

Um indicativo do que representa simbolicamente a conquista de uma Copa do Mundo, especialmente em casa, é dado por Wisnik (2008, p.51) ao analisar a relação entre o futebol e o homem. Para o autor, ganhar remete ao imaginário, o que significa uma sensação plena e fugaz da completude, por outro lado a derrota remete ao real, o que significa a experiência de um corte que devolve ao sentimento de falta.

A importância simbólica da seleção nacional para uma nação é muitas vezes difícil de ser dimensionada. Galeano (2004, p. 193) tenta buscar explicações: “Somos porque ganhamos. Se perdemos, deixamos de ser”. Desta forma a camisa da seleção representa o mais inquestionável símbolo da identidade coletiva. Para ele isso acontece em países que vivenciam diferentes realidades, não apenas naqueles que precisam do futebol para figurar no mapa. Como exemplo cita o jornal Daily Mirror de Londres, que após a eliminação da Inglaterra nas preliminares da Copa do Mundo de 1994 estampou em letras garrafais: O Fim do Mundo.

No caso da Argentina em 1978, o governo buscou em primeiro plano uma imagem positiva no cenário internacional. Galeano (2004, p. 152) mostra que não foram medidos esforços para causar uma boa impressão. Com o objetivo de maquiar sua imagem internacional, a ditadura contratou, pelo valor de meio milhão de dólares uma empresa especializada dos Estados Unidos. O resultado do trabalho desenvolvido pela empresa Burson-Masteller foi o relatório intitulado: “O que vale para os produtos, vale para os países”.

Alguns autores levantam a suspeita de que os argentinos também teriam reservado parte do orçamento da Copa para a compra de resultados, caso os gols não aparecessem naturalmente durante os 90 minutos. Giulianotti, (2002, p. 135) relembra a suspeita de que houve manipulação de resultado em uma das partidas semifinais, quando a seleção local precisava vencer os representantes peruanos por uma diferença mínima de quatro gols. Antes da partida a Argentina enviou 35 mil toneladas de cereais de graça para a junta peruana e liberou cinquenta bilhões de dólares em crédito bancário. Os argentinos venceram pelo placar de 6 a 0 após os peruanos terem entrado em campo com quatro reservas e perdido várias chances fáceis de marcar gols. Na época, argentinos mantinham cargos na direção da Fifa.

Entre criar um clima positivo dentro do país (que foi imensamente ajudado com o título do torneio; e lapidar a imagem da Argentina fora de suas fronteiras) o governo da época optou em atuar nas duas frentes, pois acreditava que as duas situações eram inerentes.

O presidente da Sociedade Rural Argentina, Celedonio Pereda, proclamou que graças ao futebol “acabará a difamação que os argentinos desnaturados fazem circular nos meios de informação do Ocidente, utilizando para isto o produto de seus assaltos e

sequestros”. Não se podia sequer criticar os jogadores, nem o técnico. A seleção argentina sofreu alguns tropeços ao longo do campeonato, mas foi obrigatoriamente aplaudida pelos comentaristas locais (...). O almirante Carlos Alberto Lacoste, homem forte do Mundial, explicava em uma entrevista: - Se vou à Europa ou aos Estados Unidos, o que me impressiona mais? As grandes obras, os grandes aeroportos, os carros formidáveis, as confeitarias de luxo... (Galeano, 2002, p. 152).

A associação de eventos esportivos e as grandes obras foram bastante utilizadas na Argentina do final da década de 70. Porém a estratégia de utilizar essa arma não foi elaboração dos militares locais. Giulianotti (2002, p. 94) lembra que no sul da Europa grandes investimentos financeiros na área esportiva foram efetuados durante período de ditaduras políticas. A hipótese do autor é que os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas. Alguns exemplos são o de Mussolini, que construiu o estádio Olímpico para as finais da Copa do Mundo de 1934; Franco que construiu o Bernabeu de 1944 a 1947 e Salazar que edificou o Estádio da Luz, em Lisboa, em 1954.

A Argentina surpreendeu positivamente os turistas que chegavam ao país, especialmente os que estavam lá para trabalhar e enviar informações para outras regiões do globo. Galeano (2002, p. 151) diz que aproximadamente cinco mil jornalistas de todo o mundo viram um imponente centro de imprensa e televisão, além de estádios impecáveis, aeroportos novos e um modelo de eficiência. O circo montado chamou a atenção até dos profissionais acostumados com este dia-a-dia. Alguns jornalistas alemães mais experientes confessaram que o mundial de 78 lhes recordava as Olimpíadas de 36, que Hitler tinha celebrado, com toda pompa, em Berlim. Galeano (2004, p. 150) lembra outra semelhança com a Alemanha: próximo ao Estádio Monumental de Buenos Aires funcionava o Auschwitz local, o centro de tortura e extermínio da Escola Mecânica da Armada. Alguns quilômetros além, aviões lançavam ao mar prisioneiros vivos.

A construção de um imaginário vencedor para as outras nações foi beneficiada por outros fatores, pois além do título do torneio, os argentinos tiveram eleito o melhor jogador da competição e o artilheiro (Galeano 2004). Como já foi citado anteriormente, Kempes se tornou um garoto-propaganda para a Argentina, semelhante ao que Pelé havia sido para o Brasil.

V – Brasil: A busca por uma identidade nacional

Oito anos antes da Argentina, o Brasil também havia mostrando competência no uso político de uma seleção durante uma Copa do Mundo. Mas 1970 não é o primeiro registro da estreita relação entre política e futebol no Brasil. Galeano (2004, p. 49) lembra que logo nas

primeiras décadas do século XX, antes mesmo de acontecer o processo de profissionalização do futebol, o governo brasileiro já havia percebido a utilidade deste esporte como uma vitrina para a nação.

Corria o ano de 1921 e a Copa América seria disputada na cidade argentina de Buenos Aires. O então presidente Epitácio Pessoa baixou o que ficou conhecido como o “decreto de brancura” e ordenou que não se enviasse jogador de pele morena. A justificativa foi buscada no pilar do “prestígio pátrio”. Um dos momentos mais estudados da relação entre a seleção brasileira e o governo data de 1970, quando, durante a Copa do Mundo, que foi realizada no México. O governo do então presidente militar General Emílio Garrastazu Médici conseguiu associar a imagem do governo com o povo, tendo com elo o futebol.

Guedes (1998) busca no antropólogo Roberto Da Matta a importância que o futebol, ou a seleção brasileira tem para o povo. Segundo a análise, foi através do futebol que o brasileiro finalmente se viu representado através dos símbolos do Estado Nacional, como a bandeira, o hino, ou mesmo as cores verde e amarela. Os valores desses elementos, antes do futebol, eram propriedade de uma elite restrita, e dos militares.

Na busca por associar sua imagem e a de seu governo à seleção de futebol, o residente encontrou um obstáculo muito complexo durante os jogos que precederam a viagem para o México. O jornalista João Saldanha, foi escolhido pela Confederação Brasileira de Desporto, como técnico Canarinho. Este impôs uma metodologia de trabalho onde ele era o centro das atenções. Devido seu perfil “folclórico”, causava um descompasso ideológico e imagético com o governo militar da época. Saldanha foi descrito desta maneira:

Comunista exaltado e boêmio de praia, imaginoso e encenqueiro, que garantia ter participado da Grande Marcha de Mao Tsé-Tung e desembarcado com as tropas de Montgomery na Normandia, Saldanha dirigiu com uma independência indomável a seleção brasileira em plena ditadura Garrastazu Médici, por um ano, dando-lhe o toque decisivo para que ela viesse a ser o que foi. O que parece ser uma proeza menor do que as duas anteriores e nunca confirmadas, a da China e a da Normandia (Wisnik, 2008, p. 280).

A solução veio antes do embarque para o México. Saldanha saiu e entrou Mário Jorge Lobo Zagallo, que já havia participado das duas conquistas anteriores da Copa do Mundo como jogador, em 1958 e 1962. Mas com a mudança de técnico surge também uma mudança de filosofia. Wisnik, (2008, p. 301) enfatiza que o processo de mudança contou também com a chegada de Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, que passavam nesse momento da estrutura militar para a futebolística. A intenção foi pensar o futebol do ponto de vista da organização tática e de sua empostação tecnocrática. O mesmo autor enfatiza que este é o

marco inaugural no campo dialógico do futebol brasileiro o princípio de otimização do rendimento.

Guterman (2006) não estabelece uma relação direta entre a queda do técnico Saldanha e o presidente Médici. Uma série de fatores, principalmente os relacionados a desentendimentos pessoais teriam motivado a troca de treinador. Porém cabe ressaltar que mesmo sem ter uma participação direta na saída de Saldanha, Médici foi beneficiado, principalmente quando considerados os novos profissionais que assumiram os cargos dentro da Comissão Técnica. Outra discussão seria em relação a convocação do atacante Dadá Maravilha, que Médici defendia abertamente. Ele realmente acabou viajando com a seleção, porém não foram confirmadas pressões diretas do presidente para que Zagallo chamasse o atleta.

Mas Médici foi beneficiado por outro fator além da troca do técnico. Guterman (2006) lembra que pela primeira vez uma Copa do Mundo foi transmitida ao vivo para o território nacional. A implantação da novidade tecnológica cumpriu papel fundamental, se considerada a ideia de Wisnik (2008, p. 52), quando explica que enquanto psicologia de massas, o futebol se inclui, em princípio, entre aquelas formações de hipnose compartilhada em que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um ideal de eu. Guterman (2006) defende a idéia que a transmissão de TV reforçou o caráter nacional do país em construção pelo regime: 16 Estados da Federação, receberam as imagens da Copa, contribuindo para a sensação de unidade que a ditadura pretendia. Um torcedor em São Paulo testemunhava o mesmo fato, no mesmo instante, que um torcedor no Rio Grande do Norte.

Burke (2006) ao fazer uma análise dos meios de comunicação, destaca os contextos sociais e culturais em que eles emergem e se desenvolvem. Enfatiza que o surgimento de uma nova tecnologia sempre é acompanhado de muitas novidades sociais. Isso acontece pelo fato de que as inovações tecnológicas são capazes de provocar reviravoltas na estrutura das sociedades e nos costumes de diferentes culturas. Neste contexto, Médici viu uma grande oportunidade de se popularizar, algo que buscava desde que assumiu o cargo. A idéia fica clara em seu discurso de posse, no dia 27 de outubro de 1969: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-los e confesso lealmente que gostaria que meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade...” Guterman (2006, p.55).

Guterman (2006) relata atos de Médici durante as partidas da Copa. Este buscava associar a sua imagem a de um torcedor comum, um fã do futebol, com um apelo autêntico e um exemplo aos outros. Buscava dar palpites para reforçar a idéia de que realmente entendia

do esporte, e quando acertava o placar das partidas, gabava-se do feito, assim como qualquer torcedor usualmente o faz. O presidente gostava de comentar sobre futebol nos bastidores, incluindo quando tinha contato com jornalistas. Fazia questão de ligar para a Comissão Técnica da seleção após algumas boas atuações, dirigia-se pessoalmente aos atletas, perguntando sobre o estado de saúde no caso dos contundidos. Fazia questão de falar publicamente sobre futebol enquanto recebia a visita de representantes de outros países. Reuniões em horários conflitantes com os jogos da seleção eram abertamente remarçadas, para que ele pudesse acompanhar as partidas. De alguma maneira, essas informações eram veiculadas em meios de comunicação, não diretamente pelos assessores do presidente, mas por aqueles que tinham algum contato ou presenciaram essas atitudes. No dia da conquista do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira do Brasil, não em um gesto cerimonial, mas em uma atitude de quem estava visivelmente comemorando.

Em reportagem sobre a comemoração do tricampeonato, o jornal A Folha de São Paulo descreveu a cena:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadinhas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulados pelos fãs, que diziam ‘se do Zagallo soubesse, hein, presidente... (Guterman, 2006).

Além disso, Médici era beneficiado pelo contexto que o Brasil vivia naquele momento. Guterman (2006) traz um relato daquele que décadas depois se tornaria presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, afirmando que Médici tinha uma grande simpatia entre os trabalhadores. Segundo Lula caso houvesse eleições naquele período, certamente o então ditador seria o vencedor, a afirmação foi justificada no bom nível de emprego e renda da população naquele período.

VI - Considerações finais

Imerso em uma realidade onde interesses das mais diversas ordens se impõem dentro do mundo esportivo, o futebol traz consigo uma grande força que circunda o universo exterior às linhas da cal. Este universo muito complexo e na maioria das vezes imperceptível, faz surgir oportunidades interessantes aos atores que não protagonizam a história que acontece durante os 90 minutos de jogo. Ao lado de empresários dos mais diversos segmentos,

interessados somente no pilar comercial do futebol, os políticos conseguem utilizar de uma maneira muito astuta uma das maiores paixões dos povos de diferentes culturas: O futebol.

As infinitas possibilidades de acontecimentos a que está sujeita uma partida de futebol, é projetada para as infinitas possibilidades de usos políticos deste esporte. Considerando este universo, fica mais compreensível o entendimento da maneira como o futebol é utilizado em diferentes casos. Em alguns deles apenas como trampolim político, em outros, na busca por uma identidade nacional, além das tentativas de criação de um imaginário coletivo.

É preciso considerar que os cartolas do futebol, ou seja, aqueles que detêm o poder político interno de cada agremiação, não têm domínio absoluto do universo esportivo, eles conseguem deter o poder no que está relacionado ao seu clube e mesmo assim de forma restrita, já que uma série de acontecimentos é creditada ao que é chamado de imprevisibilidade. Da mesma forma o universo político não pode ser totalmente controlado, o imponderável exerce um papel histórico importante.

Nos casos analisados, foi possível observar que a aproximação entre esporte e política é muito comum, e que essa associação pode ter objetivos amplos. Porém também é necessário enfatizar que, mesmo sem uma programação prévia, uma série de fatores podem surgir e colocar em risco uma linha de ação que vinha sendo executada com sucesso.

No caso do Brasil em 1970, a busca do governo militar por uma aproximação da imagem vencedora da seleção brasileira foi imensamente beneficiados pela popularização da televisão. Certamente a busca pela formação de uma identidade nacional teve bons resultados, principalmente se for considerado que até hoje os Tricampeões Mundiais são uma referência para o brasileiro quando o assunto é futebol.

A Argentina em 1978 busca se utilizar de todos os benefícios de sediar uma Copa do Mundo. Atua em diversas frentes e habilmente conquista o objetivo de vencer a competição, mesmo que para isso seja necessário se impor através do poder econômico. Por outro lado o país consegue ostentar uma imagem de nação desenvolvida para todos os turistas que chegam no país para trabalhar durante a competição.

Alguns anos mais tarde, toma-se consciência de que tanto no Brasil, como na Argentina, durante as comemorações populares, pessoas eram torturadas e assassinadas por motivos políticos.

Referências Bibliográficas

ASA, Briggs; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In RÉMOND, René (org.) Por História Política. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1996, p. 185-212.

DAOLIO, Jocimar. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução: NEPOMUCENO, Eric; BRITO, Maria do Carmo; FARACO, Sérgio; SSÓ, Ernani. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; NUNES, Marcelo de Oliveria. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos do significado do futebol brasileiro*. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica do Brasil: O caso da Copa de 70*. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Doutor Antonio Pedro Tota. 2006.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: Construção da "Província de Chuteiras"*. Porto Alegre: Anos 90, 2000.

JEANNENEY, Jean-Noël. *A mídia*. In RÉMOND, René (org.) Por História Política. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1996, p. 213-230.

OLIVERIA, Elvira. *Futebol: Das peladas à Copa do Mundo*. Editora Abril, 2000

PEREIRA, Lamartine. Biblioteca educação é cultura: *Esportes*. Rio de Janeiro, Bloch, 1980.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.